



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

# PROSTITUIÇÃO MASCULINA EM BELO HORIZONTE: EVIDÊNCIAS DA QUESTÃO SOCIAL

## MALE PROSTITUTION IN BELO HORIZONTE: EVIDENCE OF SOCIAL ISSUE

Reginaldo Guiraldelli<sup>1</sup>  
Marisa Fernandes de Souza<sup>2</sup>

### 1. RESUMO

Este artigo resulta de pesquisa com homens que praticam a prostituição, também conhecidos como garotos de programa, em Belo Horizonte. Estudos sobre o tema e a utilização de entrevistas com enfoque qualitativo contribuíram para a compreensão desta dinâmica societária presente nos diversos territórios e espaços da vida social. A partir das entrevistas foi possível conhecer de forma aproximativa como vivem e sobrevivem estes indivíduos, que possuem histórias, atribuem significados às suas vidas e criam cotidianamente formas de sobrevivência num cenário marcado por preconceito, estigma, discriminação, opressão, exploração e violência.

**Palavras-chave:** Prostituição; Gênero; Questão Social.

### 2. ABSTRACT

This article results from research with men who engage in prostitution, also known as male prostitutes, in Belo Horizonte. Studies on the theme and the use of interviews with qualitative approach contributed to the understanding of corporate dynamics present in the various territories and spaces of social life. From the interviews it was possible to approximate the way they live and survive these subjects, who have stories, attribute meaning to their lives and create forms of daily survival in a scenario

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestre e Doutor em Serviço Social pela UNESP. Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília (UnB). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Sociabilidade e Serviço Social - GEPETSS. E-mail: [reginaldog@unb.br](mailto:reginaldog@unb.br)

<sup>2</sup> Assistente Social, com MBA em Gestão Estratégica de Qualidade pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. E-mail: [marisa.souza2004@ig.com.br](mailto:marisa.souza2004@ig.com.br)

marked by widespread misconception, stigma, discrimination, oppression, exploration and violence.

**Keywords:** Prostitution; Gender; Social Issue.

### **3. INTRODUÇÃO AO TEMA E PERCURSO METODOLÓGICO**

Nas últimas décadas, a prostituição masculina, entendida em nossa análise também como uma das expressões da questão social<sup>3</sup>, ganhou maior relevância e visibilidade tendo em vista seu adensamento nos espaços públicos e privados dos centros urbanos e sua disseminação pelos meios de comunicação de massa. Porém, ainda se observa pouca repercussão sobre o assunto nos espaços acadêmicos por meio de investimentos em pesquisas científicas, pois os estudos desenvolvidos acerca do tema geralmente priorizam o segmento feminino e, por isso, constata-se a necessidade de um olhar mais atento sobre os homens que exercem esta atividade como forma de sobrevivência.

Vale salientar que inúmeras são as concepções, abordagens e controvérsias sobre a prostituição, mas é consensual compreendê-la à luz dos contextos socioeconômicos, políticos, culturais e ideológicos de um determinado momento histórico, pois são significativas as transformações nos costumes e valores nos últimos séculos que desencadearam um novo trato sobre a sexualidade e a moralidade. Porém, ainda é notória a prevalência da heterossexualidade como um referencial normativo e naturalizador das relações sociais/sexuais.

No polêmico debate contemporâneo sobre a prostituição, com referência em Legardinier (2009) e Pheterson (2009), verificam-se tensionamentos e controvérsias no campo científico, da política, da religião e do próprio movimento feminista com uma ala

---

<sup>3</sup> A questão social, de acordo com análises de Yamamoto (2008), é resultado das desigualdades sociais produzidas no capitalismo, tendo em vista as relações conflituosas manifestadas no antagonismo de interesses entre capitalistas e trabalhadores. A questão social sintetiza movimentos de subordinação, dominação, mobilização, rebeldia e resistência dos indivíduos sociais. As expressões da questão social na contemporaneidade são múltiplas, como o desemprego, a miséria, a violência, o preconceito, o analfabetismo, o racismo, a xenofobia, a violação de direitos, a discriminação, dentre outras. A partir de uma análise da sociabilidade capitalista, considera-se que diante de um quadro de acirramento das desigualdades sociais e crescimento do desemprego, os indivíduos sociais buscam diversas formas e estratégias de sobrevivência humana, como acontece em muitas situações com a prostituição.

defensora do abolicionismo, que compreende a prostituição como violência, um crime contra homens/mulheres tratados como mercadorias, uma violação aos direitos humanos e uma ala defensora da regulamentação da prostituição, entendida como trabalho, que requer reconhecimento social, legal e garantia de direitos de cidadania.

Com base em um discurso “salvacionista”, messiânico e repressor também são recorrentes as defesas de um processo de higienização do espaço público e de intervenção policial no trato da prostituição. Neste universo emaranhado de posturas divergentes, Rago (1991) rompe com concepções naturalizadas e normativas, compreendendo a prostituição como um fenômeno urbano-industrial a partir dos fins do século XIX numa sociedade em que se predominam as relações de troca e a valorização do modelo monogâmico.

Nesse sentido, pode-se inferir que, sob a regência do capital, a prostituição se caracteriza como uma prática que envolve duas ou mais pessoas com a finalidade monetária, ou seja, consiste na prestação de serviços sexuais mediatizados pelo valor expresso na sua forma dinheiro. A prostituição tornou-se um tipo de prática lucrativa que contribui de um lado para a exploração sexual e manutenção de interesses de determinados grupos sociais e ao mesmo tempo uma atividade que atende as necessidades humanas de sobrevivência, tendo em vista que na sociedade capitalista os indivíduos acessam mercadorias, bens e serviços mediante o recebimento de salários.

Em tempos de capital financeiro fetichizado (IAMAMOTO, 2008), em que ocorre uma maior incitação ao consumo, os indivíduos passam a buscar estratégias de sobrevivência e inserção no mundo do trabalho como mecanismo de inclusão e acesso à mercadoria. Dentre eles, encontram-se os que buscam na prostituição a forma de atender suas necessidades e satisfações. Porém, mergulhar neste universo da prostituição também significa carregar o fardo de uma profissão estigmatizada, por ser associada no imaginário social a uma prática libertina, degradante e desonrosa. Por isso, se faz necessário aprofundar este assunto de forma consistente e crítica para não se cair em análises moralizantes e juízos de valor que reforçam aspectos negativos, taxativos, preconceituosos e depreciativos da prostituição.

No capitalismo contemporâneo, a prostituição, com base em Rago (1991), desencadeia uma rede de sociabilidade entre os indivíduos e seu significado social está

atrelado ao rendimento econômico proveniente da prestação de serviço sexual. Já a exploração sexual, o favorecimento da prostituição e o rufianismo (ato de tirar proveito da prostituição alheia), constituem crime conforme os artigos 228 e 230 do Código Penal Brasileiro.

A partir deste sucinto esboço, esse texto objetiva apresentar fragmentos de uma realidade complexa que é o caso da prostituição masculina, em uma localidade específica, a capital mineira - Belo Horizonte. Cabe destacar que o objetivo central desse estudo foi conhecer de forma aproximativa as trajetórias de garotos de programa de Belo Horizonte, situando recortes de suas histórias de vida, com ênfase para as relações familiares, rede de sociabilidade, o ingresso na prostituição, vivências cotidianas, condições de trabalho e saúde, estratégias de sobrevivência e projetos futuros.

O trabalho de campo se desdobrou no decorrer do ano de 2011 e no percurso investigativo não foi possível a realização de entrevistas em todas as localidades onde a prostituição masculina ocorre na cidade, como em saunas e boates, considerando a magnitude e complexidade desse universo. Por isso, foi utilizada a livre observação, a sondagem de opinião com um cliente que utiliza serviços da sauna, de forma a obter informações acerca deste espaço e a abordagem individual a cada sujeito de pesquisa, apresentando os propósitos da investigação. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, baseadas em um roteiro abrangendo aspectos da vida pessoal, da vida profissional e percepções da prostituição.

Inicialmente foram realizadas observações nas ruas (espaço público) em que atuam os garotos de programa, no momento de negociação dos programas com a “clientela”. O objetivo de realizar a observação foi conhecer alguns dos locais de atuação, o perfil dos profissionais *versus* clientela, a forma de abordagem e a relação estabelecida entre esses sujeitos durante a negociação, ou seja, de certa forma saber quem são, como agem e como o programa é de fato contratado.

Em seguida, foram feitas abordagens diretamente aos garotos de programa nos respectivos horários que estavam atuando nas ruas, de forma a apresentar a finalidade da pesquisa. Das abordagens feitas, somente três garotos de programa aceitaram participar da pesquisa e responder as questões do roteiro semi-estruturado. Os três rapazes que aceitaram participar e contribuir com a pesquisa indicaram três conhecidos

que atuavam como profissionais do sexo para também participarem da pesquisa, além da indicação de um outro que frequentava saunas. Assim, foram estabelecidos os contatos com os sujeitos indicados contando com a intermediação dos garotos de programa. Após a apresentação dos propósitos da pesquisa, todos aceitaram participar da entrevista, desde que houvesse uma contrapartida, ou seja, o pagamento de uma quantia em dinheiro. Sendo assim, as entrevistas foram realizadas nas ruas onde atuam os michês e em praças, mediante o pagamento de R\$15,00, ou seja, o equivalente a metade do valor do programa mais barato.

É importante destacar que, para assegurar os preceitos éticos preconizados na pesquisa científica com base na Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.196, de 1996, o presente estudo foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa e, para assegurar o sigilo, anonimato e integridade dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios para identificá-los neste trabalho. Todos os entrevistados foram informados dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assim, na sondagem de opinião, o informante foi um “entendido”<sup>4</sup>, cujo nome fictício é Guilherme<sup>5</sup> e, para o qual, foi elaborado um roteiro de entrevista distinto dos demais. Como Guilherme é um frequentador de saunas, foi utilizado um roteiro semi-estruturado distinto dos demais, pois a ênfase com esse entrevistado foi conhecer como ocorre a contratação dos serviços na sauna e o perfil dos frequentadores. Destaca-se que esse foi o único entrevistado que não exigiu contrapartida, ou seja, o pagamento de R\$15,00 pela concessão da entrevista, como ocorrido com os demais participantes.

Na pesquisa foi priorizado o viés qualitativo, atribuindo relevância aos significados e profundidade das histórias narradas e não ao número de entrevistas com os sujeitos. Dos seis “trabalhadores do sexo” entrevistados, três são garotos de programa que atuam nas ruas (IURI<sup>6</sup>, PEDRO<sup>7</sup> e GIOVANI<sup>8</sup>); dois são rapazes que

---

<sup>4</sup> Entendido, segundo Perlongher (1987), pode abranger homossexuais que se autoconsideram clientes, mediante o expediente de contar, “enquanto entendidos”, histórias de “outros”. Recorre-se aos entendidos para obter informações sobre determinado grupo.

<sup>5</sup> Guilherme, 39 anos, solteiro, considera-se homossexual, frequenta saunas há 15 anos e contribuiu com informações sobre o tema.

<sup>6</sup> Iuri, 20 anos, solteiro, Ensino Médio Completo, considera-se bissexual, atua como garoto de programa há três meses.

<sup>7</sup> Pedro, 21 anos, solteiro, Ensino Superior Incompleto, considera-se bissexual, atua como garoto de programa há seis meses.

exercem a atividade em saunas (MAX<sup>9</sup> e JEAN<sup>10</sup>) e um é profissional (JÚNIOR<sup>11</sup>) que atende uma lista específica de clientes. Nesse percurso, foram feitas opções terminológicas a partir de referenciais bibliográficos visando não cair em análises preconceituosas e estigmatizantes desse segmento social. Dentre os autores, Perlongher (1987) destaca o termo *michê* como um dos mais utilizados na abordagem da temática da prostituição masculina. Diante da diversidade de terminologias destinadas aos “profissionais/trabalhadores do sexo” e, destacados por Perlongher (1987), como por exemplo, *michês*, *prostitutos*, *erê*, *boy laranja*, *taxi boy*, *bicha-baby*, dentre outros, esse texto adota termos como: “profissionais/trabalhadores do sexo”, *michês* ou *garotos de programa*, os quais são usados habitualmente e legitimados socialmente.

Diante desse cenário, que permite visualizar fragmentos complexos da realidade por diversos ângulos, foi possível uma aproximação das manifestações da questão social, que consiste nas diferentes formas de desigualdades presentes na sociedade capitalista e suas expressões são,

[...] o retrocesso no emprego, a distribuição regressiva de renda e a ampliação da pobreza, acentuando as desigualdades nos extratos socioeconômicos, de gênero e localização geográfica urbana e rural, além de queda nos níveis educacionais dos jovens (IAMAMOTO, 2008, p.147).

A mundialização e acumulação capitalista contribuem para a ampliação de diversas formas de trabalhos precários que fogem à garantia dos direitos e conseqüentemente agravam a questão social.

Na atual sociabilidade burguesa, apreender a questão social é captar as contradições produzidas na realidade, as múltiplas formas de pressão social, de invenção e (re)invenção da vida cotidiana e decifrar estratégias de luta e resistência engendradas pelos indivíduos sociais. Nessa pesquisa, que enfatiza um grupo específico, os *garotos de programa*, objetivou-se conhecer suas histórias de vida, suas estratégias de sobrevivência e (re)invenções cotidianas, a fim de compreender e revelar a dinâmica

---

<sup>8</sup> Giovanni, 26 anos, solteiro, Ensino Médio Completo, considera-se homossexual, atua como *garoto de programa* há três anos.

<sup>9</sup> Max, 25 anos, solteiro, considera-se homossexual, Ensino Superior Incompleto, atua como *garoto de programa* há três anos.

<sup>10</sup> Jean, 21 anos, solteiro, considera-se homossexual, Ensino Superior Incompleto, atua como *garoto de programa* há um ano e meio.

<sup>11</sup> Júnior, 29 anos, considera-se homossexual, Ensino Superior Incompleto, atua como *garoto de programa* há quinze anos.

vivenciada por esses sujeitos nos espaços em que atuam e como os determinantes sociais marcam suas trajetórias.

#### **4. PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CAPITAL MINEIRA: HISTÓRIA E SIGNIFICADO SOCIAL**

O surgimento da prostituição em Belo Horizonte, de acordo com Andrade e Teixeira (2004), remonta ao processo de fundação da cidade em 1897. Os autores destacam três períodos específicos da prostituição na cidade: o primeiro que se inicia em 1897 e transcorre até a década de 1930, marcado pela prostituição feminina nos cabarés, zona e bordéis localizados nos arredores do centro da cidade, em especial onde se localiza a atual Rodoviária e a Praça da Estação. Os principais pontos se concentravam entre as ruas Caetés, Bahia, Curitiba e Guaicurus (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004, p.140). A prostituição, apesar de não se configurar um crime, ocasionava a intervenção de autoridades policiais e médicas, que usavam de estratégias para retirar as prostitutas das ruas por meio do fichamento policial, o que representava também uma forma de intimidação, com vistas a impedir a disseminação dessa prática e a exposição da tradicional família cristã. Com ações de repressão e controle policial, as prostitutas eram tiradas das ruas e confinadas nos bordéis e cabarés, sob o comando de proxenetas (homens ou mulheres).

Dentre os diferentes tipos de cabarés, alguns ofereciam serviços de bar, shows com cantores famosos da época, champagne, contavam com prostitutas estrangeiras e havia aqueles mais simples, como o Curral das Éguas<sup>12</sup>.

Já o segundo período, demarcado pelos autores de 1930 a 1960, se caracteriza pela predominância da prostituição feminina, pela entrada em cena do “homossexual valente<sup>13</sup>” e pela ocupação de novas áreas da cidade como a Lagoinha e o Bonfim, hoje

---

<sup>12</sup> “O Curral das Éguas, o mais “sórdido dos bordéis, oferecia um quatinho escuro de uma porta só. Era a última opção daquelas que começaram nos bordéis mais famosos e luxuosos e por motivos de idade ou de saúde, ocasionados por DSTs, uso de álcool e drogas terminavam no Curral” (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004, p.142).

<sup>13</sup> “O homossexual valente era o travesti José Aritiméia Carvalho da Silva (o Cintura Fina). Vindo do Ceará em 1953, frequentava as regiões boêmias de Belo Horizonte (principalmente a Lagoinha), se

bairros fronteiriços ao centro da capital mineira. Nessa região, até então residencial, ocorreu na época uma significativa mudança de famílias para outros bairros e as casas de prostituição foram obrigadas a usar luz vermelha como forma de identificação e diferenciação das demais.

Outra modalidade de ponto de prostituição era o *Montanhês Dancing*, localizado na Rua Guaicurus, onde o cliente recebia um cartão ao chegar, e a cada dança, o cartão era perfurado, o que servia como controle para pagamento das dançarinas. Os encontros eram marcados durante a dança com a finalidade de acontecer em hotéis da região. No bairro Lagoinha, existiam também casas para realização dos encontros, como a Casa da Zezé, localizada próxima à Estação Ferroviária.

Com o findar dos “tempos áureos”, marcados pelos anos de 1940, 1950 e 1960, adentrou-se numa fase decadente, em pleno período de expansão urbana da cidade, com o entroncamento de viadutos, deixando os locais de prostituição menos centralizados, conforme assinala Andrade e Teixeira (2004). De acordo com os autores, esse terceiro período se inicia em meados da década de 1970 até a atualidade e se caracteriza pela emergência da prostituição masculina e pelo “espraiamento” da prostituição masculina e feminina pelas áreas nobres da cidade. Emerge a prostituição travesti, de michês e garotas de programa. Os cabarés cedem espaço aos hotéis em que as prostitutas realizam serviços sexuais por meio dos quartos alugados. Em geral, os hotéis são estabelecimentos simples, precários, localizados em regiões centrais, com alta rotatividade e baixos preços.

Nessa fase, a relação entre as prostitutas e os gerentes/proprietários dos hotéis se torna impessoal, garantindo autonomia para mudar de hotel e escolher o horário de atendimento, diferentemente do período marcado pela existência do/a proxeneta. Ao longo dos anos, a prostituição na capital mineira foi se modificando, desaparecendo as casas dos travestis do Bonfim e mudando os “pontos” de prostituição nos espaços públicos. Na Avenida Afonso Pena, que liga o centro à zona sul, a partir do Palácio das Artes até a altura do Bairro Mangabeiras e a Savassi, surgiram boates destinadas às “prostitutas de luxo” e garotas de programa. Outros locais de prostituição surgiram na

---

vestia com roupas e acessórios femininos, o que despertava a dúvida quanto a ser mulher ou homem. Era violento, habilidoso na navalha, com a qual se defendia dos frequentadores da zona e em quem aplicava golpes se envolvendo em brigas, lesões corporais, furtos, roubos e tráfico de drogas” (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004, p.146).

cidade, como nas proximidades da Lagoa da Pampulha, com a existência de casas de prostituição de luxo, de mulheres e travestis.

No que diz respeito à prostituição masculina ou michê em Belo Horizonte, não é possível realizar essa mesma historicização, pois dada a escassez de estudos sobre o tema, torna-se difícil datar os processos de sua constituição. No entanto, o cenário atual de sua presença na cidade é indicativo de suas características e, de alguma forma, reflexo de sua formação temporal em outras grandes cidades. Atualmente, os garotos de programa se concentram nas áreas delimitadas pela Avenida do Contorno, centro e hipercentro, em locais como saunas e boates voltadas ao público homoafetivo, ruas, praças e parques públicos, conforme assinala Andrade e Teixeira (2004).

No espaço das saunas acontece também a prática da prostituição e a relação entre os garotos de programa e administradores destes estabelecimentos se dá de forma impessoal, pois os michês não são trabalhadores da sauna. No ambiente privado da sauna, o “trabalhador do sexo” paga a entrada para usufruir do espaço interno e presta serviços sexuais informalmente.

Atualmente, observa-se que os locais mais adensados da prostituição masculina são ruas nas proximidades do Fórum Lafaiete e saunas. Os clientes são atendidos geralmente em hotéis, motéis, sauna, no interior de veículos, na rua e nas residências.

Na sondagem de opinião, objetivou-se obter informações sobre as saunas, pois os entrevistados preferiram não detalhar ou revelar a localização dos estabelecimentos.

De acordo com Guilherme, a sauna funciona de terça a domingo no horário de 18:00 às 00:00 horas, com regras e regime de funcionamento. Somente é permitido o acesso de homens acima de 18 anos, sendo que na entrada é necessário um cadastramento. O valor da entrada é em média de R\$30,00 (tanto para clientes quanto para garotos de programa), e o valor do programa no espaço interno da sauna equivale a R\$50,00 com cabine, (dependendo dos serviços sexuais prestados e do tempo de duração do programa), pagos diretamente ao “profissional do sexo”.

No espaço interno da sauna, conforme descrição de Guilherme, os ambientes são semelhantes a uma casa noturna (danceteria), com shows ao vivo, apresentações de strippers, bar, espaços com mesas e cadeiras, além das cabines onde são realizados os

serviços sexuais. A sauna mantém endereço na internet, com fotos dos principais ambientes e divulgação do telefone, sem mencionar as atividades e a localização.

A prostituição masculina também está presente em boates, onde os profissionais negociam os programas com os clientes de forma mais discreta, em especial nas proximidades da Praça Raul Soares, no Bairro de Lourdes e nas proximidades do Parque Municipal, localizado na região central da cidade.

No caso do Parque Municipal, a prostituição acontece em seu interior por michês que, em locais mais desertos, simulam praticar exercícios físicos para atrair clientes, sem chamar a atenção dos demais frequentadores. Apesar do programa em algumas situações ser realizado nas cabines dos banheiros masculinos, o parque serve também como local de negociação do programa a ser realizado externamente, em hotéis ou motéis do centro da cidade ou até mesmo na casa do cliente ou do michê.

Outras formas de prostituição são realizadas por meio de anúncios (jornais, revistas e internet), onde cliente e michê se encontram somente no dia, local e horário acordado entre ambos. Os anúncios em geral têm como título um nome fictício, acompanhado do tamanho do órgão sexual, um breve perfil do profissional, telefone para contato e, em alguns casos, o valor do programa.

Em Belo Horizonte, assim como em outras localidades, os trabalhadores do sexo são também conhecidos como garotos de programa ou michês. No imaginário da sociedade, estes poderiam ser descritos da seguinte forma:

O michê seria um rapaz normalmente musculoso, esportista, bronzeado, com todas as características de um *playboy*, normalmente cobrariam bastante alto por suas transações, seriam extremamente viris e invejados pela maioria dos demais homens, o que se concretizaria na postura Super Macho Man (MACHADO; SILVA, 2002, p.16).

No transcurso dessa pesquisa o que se encontrou nas ruas foram homens comuns, que não correspondem a nenhum estereótipo ou imagem associativa de garotos de programa, ou seja, são iguais aos que circulam nas ruas cotidianamente, usam o mesmo estilo de roupa, agem e conversam da mesma forma, de modo que não seriam reconhecidos como “profissionais do sexo”.

Machado e Silva (2002, p.16) explicam que há uma disparidade entre o imaginário social e a realidade, onde o michê não tem necessariamente uma forma física descrita pela imprensa e desejada por muitos. Há uma grande surpresa quando se constata que o michê pode ser qualquer rapaz, com ou sem exagero masculino e sem a inatingibilidade do “Deus do Olimpo”. Nessa pesquisa, os rapazes entrevistados são, também, garotos comuns, consideradas suas respectivas histórias de vida.

## **5. CARACTERIZAÇÃO, PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS GAROTOS DE PROGRAMA DE BH**

Para entender como os garotos de programa forjam, lidam e assumem suas identidades é necessário apresentar os sujeitos entrevistados, detalhando perfil, particularidades da profissão e suas percepções acerca dos estereótipos e pressupostos que permeiam a prostituição enquanto uma prática profissional.

Em linhas gerais, os entrevistados têm faixa etária entre 20 e 29 anos, a orientação sexual varia entre homossexuais e bissexuais e o nível de escolaridade consiste em Ensino Médio completo, Curso Técnico/Profissionalizante ou Ensino Superior Incompleto.

Dentre os entrevistados, os que atualmente são estudantes afirmam que a continuidade nos estudos deve-se aos rendimentos obtidos por meio da prostituição e, em alguns casos, foi manifestada a intenção de que ter uma profissão de nível superior reconhecida e conseguir um bom trabalho pode ser uma maneira de abandonar a prostituição futuramente.

Os garotos de programa relatam que possuem algum tipo de crença religiosa e procuram frequentar igrejas aos domingos. A religião desempenha um papel acolhedor junto a eles, como se por meio desse recurso fosse possível “solucionar” ou esquecer problemas cotidianos e encontrar algo que não está nas amizades e na profissão, como uma forma de preencher o espaço que poderia ser ocupado pela família, o lazer, o trabalho, assim como muitas pessoas fazem em diferentes situações.

No que tange à moradia, os “trabalhadores do sexo” não moram com suas famílias por considerarem difícil esconder a profissão, em função da realização de programas em horários não convencionais aos da rotina familiar, podendo gerar suspeitas e desconfianças. Os entrevistados residem sozinhos ou com amigos, sem que estes necessariamente saibam da profissão. A experiência relatada por Júnior demonstra a necessidade de morar sozinho, de omitir da família sua profissão para se proteger ou até mesmo preservar sua identidade.

Quando vim para Belo Horizonte, vim para morar com uma tia por parte de mãe. Mas não nos demos muito bem devido a algumas questões, como por exemplo, colocar todo o meu salário dentro de casa, sendo que nem os filhos a ajudam assim. Me ofereci para ajudá-la com R\$300,00 por mês e ela disse que era pra eu pegar esses R\$300,00 e ir... morar sozinho. Começamos a nos desentender. Até aí tudo bem, dava pra levar. Mas quando ela veio se meter, não tive muita paciência, tivemos uma briga feia; de porrada. Teve polícia, queixas, nossa... horrível! Aí, ela me expulsou de casa, mas eu nem me importei muito, já queria sair de lá mesmo. Não aguentava mais aquele lugar. (JÚNIOR).

O tipo de moradia dos entrevistados são casas, apartamentos e/ou repúblicas, próprias ou, na maioria, alugadas. As despesas mensais daqueles que moram com amigos são divididas e os que moram sozinhos assumem suas despesas, sem a participação ou colaboração de terceiros.

A rotina de trabalho, conforme relato dos profissionais que atuam nas ruas, é definida de acordo com as atividades, sendo que às segundas-feiras não trabalham, por considerarem um dia de pouco movimento e, os garotos da sauna trabalham conforme o horário de funcionamento do estabelecimento, podendo também atender clientes externos à sauna.

O valor cobrado pelo programa/serviço sexual é variável, pois corresponde ao tempo de realização e o tipo de prática. Geralmente o programa varia de R\$40,00 a R\$80,00, podendo chegar a R\$30,00 para a clientela que reclama do preço. O valor do programa do profissional que exerce a profissão sem ter um ponto fixo, ou seja, aquele que atende a clientela em sua residência ou na casa do cliente também é variável e custa em média entre R\$100,00 a R\$500,00. O tempo de realização de cada programa gira em torno de vinte minutos à uma hora, dependendo do valor negociado.

O que inclui nestes programas, tanto os comuns quanto os mais sofisticados, é combinado entre as partes interessadas. Alguns garotos de programa se dizem mais “liberais” e outros relatam que não beijam na boca, não fazem sexo na condição de “passivo”, não aceitam fazer programas que envolva muitas pessoas e outros não aceitam práticas sadomasoquistas ou outras formas de fetiches sexuais que envolvam violência. Para alguns,

[...] a virgindade anal e o beijo na boca são bens a serem preservados a todo custo, em contraste com a postura mais flexível de alguns outros, bissexuais não michês de mais idade [...], de encarar a prática sexual “ativa” e/ou “passiva”, sem aparente conflito. A preocupação com o ânus perpassa de maneira subjacente ou explícita, não somente as falas desses homoeróticos, nesse contexto da sexualidade negociada ou não. Mas, de modo geral, o universo masculino como um todo, considera que a intactilidade do mesmo é tida como um símbolo da certeza de ser macho (SILVA, 2007, p.2).

Essa necessidade de se afirmar como “ser macho”, de acordo com Guilherme, se faz presente de outras formas como, por exemplo: há garotos de programa que recebem o cliente em casa e relatam suas histórias de vida, mostrando fotos de namoradas e de filhos, sem necessariamente existirem. Tal atitude revela uma postura perante o outro de auto-afirmação como heterossexual ou “macho” em determinadas situações. Isso é resultado de um modelo societário sexista que é reproduzido massivamente, que associa a masculinidade à virilidade, à heterossexualidade, atribuindo ao homem o vigor físico, intelectual, racional, superior, além de atribuir a ele a responsabilidade pelo provimento da subsistência das famílias.

No tocante a quantidade média de programas realizados diariamente pelos michês há uma variação entre 4 a 7 programas, sendo que há dias em que o movimento se intensifica, em função dos finais de semana ou das datas de pagamento salarial.

A renda mensal dos garotos de programa entrevistados varia entre R\$1.600,00 a R\$4.000,00, advinda da prostituição e, em alguns casos, também de outra atividade

profissional. A maior renda informada foi de Iuri, que relatou não possuir outro emprego e exerce a prostituição há menos tempo.

Dentre os relatos dos entrevistados com outra ocupação, tal atividade representa até metade da renda mensal, pois é consenso entre eles que a quantia obtida com os programas sexuais é maior e que dependendo da disponibilidade para fazer os programas o rendimento tende a aumentar. No entanto, a prática frequente de programas sexuais faz com que tenham menor tempo para dormir e uma maior sensação de “relações utilitárias”, conforme assinalou Jean.

Para atrair a clientela, diferentes estratégias são utilizadas como, por exemplo, uso de roupa jovial como jeans desbotado, tênis, o uso de uma calça sobre outra, para simular pernas de jogador de futebol, ou a utilização de preenchimentos sobre a braguilha para destacar a protuberância genital, sendo a parte do corpo mais atrativa para aqueles que buscam os serviços sexuais.

Os garotos de programa enfatizaram que para atrair os clientes procuram fazer boa alimentação, cuidar do corpo praticando algum tipo de esporte como correr ou malhar e dormir o máximo possível, visto que o sono muitas vezes é prejudicado pela realização dos programas durante a madrugada.

Além do cuidado com o corpo e com a aparência em geral, outros artifícios como a atitude, bom papo, gentileza, comunicação e educação atraem o cliente, conforme relatado pelos entrevistados. Com isso, além de conquistar o cliente para contratar o programa, podem surgir outros programas e até mesmo uma relação de amizade, uma vez que esses profissionais encontram-se afastados de suas famílias e amigos.

A prestação de serviço sexual geralmente é omitida da família e círculo de amizades, por tratar-se de um assunto complexo e socialmente estigmatizado, perpassado por valores morais, escolhas e demais aspectos objetivos e subjetivos. A reação da família ao tomar conhecimento da prática da prostituição pode variar entre a não aceitação, rejeição e a ruptura dos laços familiares. Os garotos de programa relataram que, em função da prostituição, se distanciaram de suas famílias, procurando residir em locais afastados e espaçaram as visitas em detrimento da falta de tempo, mas, principalmente para se preservarem e também aos seus familiares. Por outro lado, com base nas narrativas, a prostituição proporcionou a oportunidade de uma suposta

“autonomia” e da condução da própria vida financeira e pessoal. É importante destacar essa suposta autonomia considerando que esses profissionais ficam submetidos a esse tipo de trabalho, assim como qualquer outro, pois sobrevivem e atendem suas necessidades por meio da prestação desse serviço.

Com relação à renda auferida com a prestação de serviços sexuais, nenhum entrevistado mencionou contribuir financeiramente com a família, mas todos destacam a possibilidade de ganhar quantias significativas de dinheiro, que garantam “autonomia”, acesso aos produtos desejados, não se privando de realizar satisfações e objetivos como ir a um determinado show, trocar de aparelho celular, comprar roupas caras, ou seja, aspectos relacionados ao consumo fetichizado. Portanto,

[...] pode dizer-se que um dos principais determinantes para a ocorrência da venda de sexo por homens é a busca de condições materiais, tendo em conta que os trabalhadores apresentam níveis de qualificação acadêmica e profissional baixos (PEREIRA, 2008, p.3).

Também é importante contextualizar que a entrada para a prostituição aconteceu de diferentes maneiras e, desde seu ingresso até o presente momento, o tempo de atuação dos entrevistados como garotos de programa varia de 3 (três) meses a 14 (quatorze) anos e o motivo principal é o dinheiro e o que este pode lhes proporcionar, sendo a “autonomia”, a melhor delas. Os motivos foram descritos da seguinte forma:

Entre por coincidência, há três meses. Eu trabalhava como pasteleiro. Fui demitido, mas não queria voltar pra casa da minha mãe. Um dia, estava descendo para a Praça Raul Soares e passou um homem de carro, me perguntou quanto eu cobrava pra fazer um programa com ele. Disse que cobrava R\$80,00, ele aceitou, então fiz meu primeiro programa e achei a possibilidade de não voltar mais pra casa da minha mãe (IURI).

Entre há seis meses, para ter um dinheiro a mais (PEDRO).

Há três anos, através de colegas que me indicaram (GIOVANI)

[...] conheci uma pessoa [que fazia programas] que me chamou pra ir morar no apartamento com ele. O intuito era morar no apartamento, mas fui me acostumando, achando normal, até que comecei a fazer também, faz três anos que faço programa (MAX).

Foi como contei, iam aparecendo os convites. Ia e vinha de lá pra cá. Larguei o emprego lá e vim pra cá. Estou há um ano e meio nisso (JEAN).

Olha, venho de uma família de muitos homens. Morava eu, meus dois irmãos mais velhos, meu pai e minha mãe, lá em Nova Lima. Num lote, morava um monte de gente da família: primos, tios, irmãos emprestados e minha avó. Meu pai é alcoólatra, minha mãe dona de casa e submissa ao meu pai. Quando eu tinha 13 anos fui estuprado pelo meu pai. Odeio falar sobre isso. Apanhei muito na infância, por causa dos chiliques do meu pai. Ele é muito agressivo, já foi preso, espancava minha mãe. Eu cresci nesse mundo, imagina uma criança vivenciando coisas tão terríveis? Coisa boa ela não vai ser quando crescer. Na verdade nunca gostei de brincar de carrinho, futebol, *vídeo game*, detestava. Eu via minhas primas se arrumarem pra sair com os namorados delas e ficava louco pra ir junto. Uma prima minha era prostituta e ninguém sabia, só eu, mesmo assim porque eu sempre via ela se arrumar e sair a cada dia com um diferente. Um dia resolvi perguntar pra ela, e ela me contou e me ameaçou de morte se eu abrisse a boca pra alguém. Nossa, eu adorei aquilo. Disse a ela que se eu pudesse, queria fazer isto também pra ganhar um dinheirinho e ajudar minha mãe. Aí foi assim que começou, ela me levou com ela algumas vezes, e fiquei com umas mulheres mais velhas que pagavam bem pra caramba. Algumas casadas, outras viúvas. Só depois de alguns anos que comecei a sair com homens mesmo. Hoje é só homens (JÚNIOR).

Com base nos relatos sobre os motivos que desencadearam a entrada para a prostituição estão: falta de emprego, dificuldades financeiras, convites e indicação de amigos, a oportunidade de mudar de cidade e, a mais complexa, diante do relato de Júnior, está relacionada a situações de violência física e abuso sexual no espaço doméstico que desencadeou a vontade de realizar os programas após vivenciar tais situações e ter dinheiro para ajudar a mãe. A partir desses indicativos, reforça-se a ideia de que a prostituição emerge como desdobramento da questão social em suas múltiplas manifestações.

Em relação à situação civil, durante as entrevistas somente um dos entrevistados afirmou manter um relacionamento e alegou que o companheiro desconhecia sua profissão, pois se tratava de um namoro recente.

Questionados se o fato de “ser garoto de programa” dificulta ter um relacionamento estável, os entrevistados assinalaram:

Nunca pensei nisso (IURI).

Sou solteiro atualmente, mas se arranjar alguém eu paro na hora (PEDRO).

Acho que sim (GIOVANI).

Dificulta pelo preconceito. As pessoas só pensam coisa ruim por ser garoto de programa, acha que não presta, que é ladrão ou que acha ser vagabundo e não gosta de trabalhar (MAX).

Não dificulta, mas eu não me sentiria bem, não poderia exigir algo da pessoa, seria constrangedor (JEAN).

Sim, tenho. Pode até desconfiar, mas não afirmo nada. Namoro há pouco tempo com ele, é bem ciumento (JÚNIOR).

Dentre as falas dos entrevistados, as opiniões são diversas, compreendendo que a atividade pode ou não ser vista como empecilho, pois há a possibilidade de deixar a profissão em função de uma relação estável e a visão preconceituosa da sociedade como um elemento limitador para estabelecer um relacionamento.

Outra questão observada é quanto ao sentimento dos michês no momento em que estão prestando os serviços sexuais. As respostas perpassam a subjetividade de cada um e interfere no seu intelecto, na personalidade, na vida privada e em tudo o que vai além da vida profissional. Ao serem interrogados sobre tais sentimentos, experiências e percepções, as narrações deram vazão a uma série de tensões e questões complexas. Para Júnior a homossexualidade é algo comum, tendo em vista que o mundo está em constantes transformações e a liberação sexual representa a maior delas.

Tem a parte boa e a parte ruim. Muitas pessoas gostam de mim pelo que eu sou, mas outros querem só aproveitar (JEAN).

Não gosto de ser Garoto de Programa (MAX).

No começo me sentia constrangido, mas hoje, por ganhar bem fazendo isso, me sinto legal (IURI).

Dentre as narrativas, são notórias as mudanças na vida de cada um, sejam elas consideradas mais ou menos significativas, conforme manifestado. Tais mudanças ocorreram na esfera familiar, no ritmo de trabalho, no âmbito financeiro (possibilidade

de realizar desejos pessoais), nos sentimentos particulares (o medo da identificação, de assaltos, violência, da solidão) e, para aqueles que têm outra ocupação, a rotina se tornou mais atribulada, restringindo inclusive o tempo de sono e descanso, o que reflete, sobretudo, na saúde desses profissionais.

Nesse aspecto, a prostituição pode apresentar pontos positivos e negativos, e por isso, em todos os relatos o único ponto positivo diz respeito à esfera financeira que contribui para o acesso a bens e serviços e proporciona-lhes uma suposta autonomia. Como aspectos negativos apontaram o estresse, o preconceito, o sentimento de angústia, a ausência da família, a “sensação de ser um produto usado e descartado”, as formas como são tratados por algumas pessoas ou clientes, os perigos aos quais estão submetidos, como: assaltos, violências, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros.

Ao considerar que a saúde é fundamental para o exercício da profissão e que as doenças sexualmente transmissíveis são associadas ao livre exercício sexual no âmbito da prostituição e que se trata de um assunto delicado e estigmatizado, indagou-se aos entrevistados se ao longo de suas experiências haviam contraído alguma doença em decorrência de suas práticas e constatou-se que alguns contraíram certo tipo de doença, o que indica que em determinados momentos não foram usados métodos de proteção.

Nesse sentido, verifica-se que inúmeros são os fatores que podem desencadear atitudes de preconceito e discriminação na prostituição, visto que neste tipo de prática também são associadas doenças transmissíveis que possuem tratamentos avançados e promissores, mas que de certa forma ainda não são eficazes no combate da proliferação e da cura, como é o caso da Aids-HIV. Isso reforça a imagem depreciativa da profissão em que o preconceito, segundo Prado e Machado (2008), funciona como mecanismo social que produz e reproduz formas de subalternidade e inferioridade.

Um elemento paradoxal do preconceito é de que ele nos impede de ver o que não vemos e o que é que não vemos, ou seja, ele atua ocultando razões que justificam determinadas formas de inferiorizações históricas, naturalizadas por seus mecanismos. Em outras palavras, o preconceito nos impede de identificar os limites da nossa própria percepção da realidade (PRADO; MACHADO, 2008, p.67).

Pensamentos e atos preconceituosos estão presentes nos diversos espaços da vida em sociedade como, por exemplo, nas casas, nas escolas, e são transmitidos aos

indivíduos desde a infância e reproduzidos socialmente por meio de concepções e entendimentos preconceituosos muitas vezes marcados pela agressividade. Heller (2008) argumenta que a divisão de sentimentos amor *versus* ódio divide os preconceitos em dois grupos: preconceitos positivos e negativos. Estes sentimentos manifestam-se na vida pública e privada, na moral, na sociedade, nas ideias e na relação com os seres sociais. Ressalta que o preconceito pode ser social ou individual, pois,

[...] o homem pode estar tão cheio de preconceitos com relação a uma pessoa ou instituição concreta que não lhe faça absolutamente falta a fonte social do conteúdo do preconceito. Mas a maioria de nossos preconceitos tem um caráter mediata ou imediatamente social. Em outras palavras: costumamos, pura e simplesmente, assimilá-los de nosso ambiente, para depois aplicá-los espontaneamente a casos concretos e através de mediações (HELLER, 2008, p.71).

Considerando que o preconceito é intrínseco à tolerância, Silva (2000, p.98) assinala que a incapacidade de conviver com a diferença é fruto de sentimentos de discriminação, de preconceitos, de crenças distorcidas e de estereótipos, isto é, de concepções do outro que são fundamentalmente errôneas e equivocadas.

Assim, o preconceito está presente no cotidiano, surge de diferentes formas nas relações sociais, muitas vezes de maneira imperceptível e se dissemina na sociedade. Em relação ao preconceito concernente à orientação sexual, Mello (2005, p.202) argumenta que a homossexualidade é concebida como um *mix* de pecado, doença e crime, despertando rejeições de intensidades variadas em diferenciados segmentos sociais, o que faz dos homossexuais um dos agrupamentos mais atingidos pelas complexas lógicas da intolerância, preconceito e discriminação.

Ao notar que o preconceito tende a inibir a participação igualitária na sociedade e o acesso aos direitos sociais, Prado e Machado (2008) discorrem sobre a necessidade de desconstrução do preconceito, de seu reconhecimento na esfera pública no campo da cidadania e o enfrentamento ao preconceito sexual.

A emergência dos direitos sociais advindos do debate público da homossexualidade estão em pauta no Brasil e em vários países, e denotam a capacidade do movimento GLBTs de enfrentamento ao preconceito como mecanismo de subalternização civil. Uma das maneiras de enfrentamento mais relevantes que emergiram nos últimos anos é, sem dúvida, a implementação das questões

oriundas desta forma de subalternização como políticas de Estado (PRADO; MACHADO, 2008, p.81).

Assim, enfrentar as manifestações preconceituosas requer o alargamento do espaço público e político por meio de processos organizativos, reivindicativos e participativos que assegurem efetivamente a democracia e a cidadania dos sujeitos coletivos.

Diante disso, na abordagem com os entrevistados sobre as manifestações do preconceito em suas atividades profissionais e vidas pessoais, identificou-se relatos de que o preconceito se dá em diferentes situações como, por exemplo, pela orientação sexual, nos relacionamentos afetivos e quando a família toma conhecimento da profissão.

As pessoas só pensam coisa ruim por ser garoto de programa, acha que não presta, que é ladrão ou vagabundo e não gosta de trabalhar (MAX).

Alguns dos garotos de programa se sentem alvo de preconceito indireto quando as pessoas sabem o que fazem e os tratam de forma diferente ou fazem julgamentos valorativos. Como estratégia de enfrentamento ao preconceito, em geral, esses profissionais mantém a atividade em sigilo, abstendo-se do convívio familiar e do círculo de amizades.

As formas de violência vivenciadas pelos entrevistados são diferentes. Dentre o esboçado, destaca-se a violência policial que um dos profissionais sofreu nas ruas e na atualidade tem medo de atuar e encontrar com a polícia novamente. De acordo com Rodrigues (2004, p.166), apesar da prática da prostituição não se constituir como crime, constantemente a intervenção policial é requisitada, uma vez que tal atividade se contrapõe aos padrões morais de comportamento sancionados socialmente.

Outra questão que divide opiniões entre os entrevistados diz respeito à regulamentação da profissão, pois, de um lado, os profissionais que possuem outra ocupação querem ser reconhecidos pela outra profissão e não se expor, e de outro, aqueles que não possuem outra ocupação, que gostariam de trabalhar sem incômodo, ter benefícios e direitos garantidos, mas que reconhecem que isso poderia dar visibilidade a tal atividade provocando a perda de seus clientes. Desta forma, a invisibilidade assegura a manutenção da atividade.

Acho desnecessária. Tem a parte boa dos direitos, mas o direito quem faz é você. Se cada um que se apresentasse como garoto de programa tivesse direitos, todo mundo se apresentaria, não teria como comprovar. Teria que haver um departamento específico para isso e você meio que teria que “declarar” o que é (JEAN).

Era uma boa, mas acho que isso nunca vai existir, pelo menos para o homem, para a mulher pode até acontecer, mas para o homem é praticamente impossível (GIOVANI).

Seria muito bom se legalizassem, pois poderia trabalhar em paz, ter direitos (IURI).

Não sou a favor. Escondido é mais gostoso, senão perderia meus clientes casados, por exemplo. Deixa como está (JÚNIOR).

Diante das adversidades da atividade exercida, os garotos de programa falaram sobre se manter ou não na profissão e se vislumbram outras possibilidades futuras:

Por enquanto não pois estou há pouco tempo. A maioria com o tempo sai pelo desgaste, perigo ou pelas situações que passou (IURI).

Qualquer hora. Basta que eu não tenha mais vontade de ser garoto de programa, eu saio. (PEDRO).

Já, estou de passagem, não vou ficar muito tempo (GIOVANI).

Sim, pois não gostaria de ficar nesta profissão, não acho legal (MAX).

Já, porque é uma coisa que não me arrependo, mas não me dá orgulho algum. Tô trabalhando para ter uma renda melhor e não precisar disso. Antes, eu ia lá na sauna sete vezes por semana, hoje vou lá só duas vezes. Fico colocando empecilhos, dando valor a outras coisas, substituindo as idas na sauna por outras coisas, como ir no cinema, sair com os amigos, ler, ficar estudando (JEAN).

Não. Me convém. Eu sou feliz no que faço (JÚNIOR).

Nos relatos há uma divisão de opiniões, pois alguns não pensam em deixar a profissão, outros pensam em deixar a profissão atribuindo como motivos valores morais e aspectos subjetivos e, alguns dos entrevistados, demonstram controle da situação,

podendo deixar a profissão no momento oportuno e que desejarem. Há, nesse contexto, questões que atravessam suas relações familiares e a maneira como os entrevistados lidam com sua orientação sexual.

A identidade sexual dos entrevistados, apesar de revelada no momento da entrevista, nem sempre é assumida perante os familiares, nas relações sociais e entre amigos, se constituindo em um “segredo”, assim como a profissão.

O michê, boy, garoto de programa ou simplesmente GP normalmente não se considera homossexual, porque constrói sua masculinidade (papel do gênero) a partir de um comportamento sexual ativo. Essa construção é válida mesmo que o seu cliente seja um homem e desde que este adote um comportamento sexual passivo. Além do mais, muitos não se consideram profissionais do sexo, encarando a prostituição como uma atividade secundária ou provisória (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004, p.151).

No que tange aos garotos de programa, cuja família tem conhecimento ou desconfiança da profissão que exercem, surgiram os seguintes relatos:

Somente minha irmã sabe. A reação dela? Acho que ela não gosta, mas não fala nada. Eu não falei nada, ela começou a desconfiar e foi juntando as peças. Quando ela me via arrumado pra sair, ela perguntava: Você está precisando de dinheiro? Ela queria me dar dinheiro, mas ela nem tem. Eu não falei e nem falo o que faço, mas ela sabe. Não contaria à minha família porque sei que eles não iriam aceitar (MAX).

Minha família descobriu e me rejeitou da pior forma que você pode imaginar. Comecei a aparecer com alguns dinheiros lá em casa e passar pra minha mãe. Ela não perguntou muito de onde o dinheiro vinha não. Estava ajudando, isso que importa. Já meu pai, desconfiou na hora, porque ele sabia da minha prima e via que eu e ela estávamos muito juntos. Acabei dizendo tudo na cara dele, apanhei, fui expulso de casa com a roupa do corpo e estou aqui hoje. Foram dias horríveis, os piores da minha vida (JÚNIOR).

Nas situações em que a família desconhece a profissão, não houve ruptura familiar, mas uma separação entre a vida privada e a vida familiar, como forma de preservar ambos das implicações de tal profissão. Já na situação em que a família teve conhecimento verificam-se atos de violência e ruptura dos laços familiares por questões ligadas ao preconceito e valores morais.

Historicamente, as formas de organização familiar revelam que a liberdade sexual dos homens pode ser aceita desde que eles possam satisfazer desejos sexuais por meio da busca por prostitutas, mas não de praticá-la, ou seja, os modelos existentes não abrem espaços para práticas que fujam aos padrões moralmente aceitos, como também acontece no caso da orientação sexual, nem sempre aceita pela família e sociedade.

No que tange ao retorno financeiro advindo da prostituição, os entrevistados assinalaram que a atividade pode propiciar uma vida “melhor”, possibilitando escolher o dia e horário de trabalho e proporcionando aumento do poder aquisitivo e uma suposta autonomia. Em contrapartida, é necessário manter a profissão no anonimato para resguardar privacidades, evitar rupturas familiares, abster-se do convívio social e, principalmente, observar que a prostituição não representa uma profissão com garantia de direitos sociais e trabalhistas.

Embora a prostituição proporcione um considerável retorno financeiro e seja praticada num curto período de tempo em que os rapazes estão aptos para se prostituir, ela também requer um alto investimento na aparência (roupas e cuidados com o corpo), sem deixar de lado a satisfação de outras necessidades.

Apesar do retorno financeiro propiciado pela prostituição a contento de tais necessidades, a preocupação em ter os direitos sociais e trabalhistas garantidos somente foi percebida pelos garotos de programa que têm outra ocupação ou fonte de rendimentos com registro em carteira e as garantias previstas na legislação.

No que se refere à prestação de serviços sociais aos profissionais do sexo, cabe salientar que algumas instituições possuem ações de acompanhamento, aconselhamento e orientações para acesso às políticas sociais e serviços de saúde. Os entrevistados assinalaram desconhecer tais instituições e/ou serviços, relatando apenas a existência de campanhas com distribuição de preservativos, materiais informativos e raramente ofertam exames gratuitos de HIV, sendo que alegam receio de realizá-los e constatarem alguma doença.

No que se refere à saúde, cujo direito é garantido pela Constituição Federal de 1988, uma questão relevante ao estudar a prostituição como prática profissional, com enfoque para o segmento masculino, é que em 2008, em resposta às demandas e processo histórico da luta pela saúde, o Ministério da Saúde criou a Área Técnica de

Saúde do Homem, sendo aprovada em 2009 pelo Conselho Nacional de Saúde a “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem”, visando facilitar e ampliar o acesso da população masculina aos serviços de saúde pública. Trata-se de uma Política recente e até então desconhecida pelos entrevistados, bem como outras ações desenvolvidas por entidades de atendimento e orientação no âmbito da saúde.

A pesquisa revelou que não se tem conhecimento por parte dos entrevistados de nenhum programa, oficinas ou similares voltados à saúde do homem e que as formas de orientação às quais já tiveram acesso devem-se à palestras e/ou à distribuição de preservativos.

Nesse sentido, é importante salientar que as ações de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis envolve toda a população e por tratar-se de doenças estigmatizantes como é o caso da Aids-HIV, as ações precisam ser desenvolvidas por diversos segmentos sociais, como o Movimento de Profissionais do Sexo, profissionais de saúde, movimentos sociais e populares, universidades, poder público, dentre outros.

Nas primeiras notícias acerca da epidemia de Aids-HIV, no início dos anos 1980, o caráter da transmissibilidade estava associado à homossexualidade masculina, o que resultou no surgimento do conceito de “grupo de risco” abrangendo homossexuais masculinos, usuários de drogas injetáveis e prostitutas. Assim, os profissionais do sexo eram “responsabilizados” pela transmissão de doenças também em função do estigma da promiscuidade na prostituição. A partir do conhecimento da relação entre a prostituição e doenças sexualmente transmissíveis, os entrevistados foram indagados se já haviam contraído alguma doença e se usavam métodos de proteção. Todos afirmaram usar preservativos nas relações sexuais e ressaltaram que os próprios clientes solicitam o uso.

Os entrevistados que afirmaram ter contraído alguma doença sexualmente transmissível citaram a herpes, gonorreia, sífilis e hepatite B, sendo observado que um dos garotos de programa que atua há 3 anos afirmou ter contraído 3 delas (Sífilis, Gonorréia e Hepatite B). O garoto de programa que atua há 14 anos reconhece a necessidade de cuidar da saúde e alega nunca ter contraído doenças por meio da sua prática.

Outro assunto abordado foi a legalização da prostituição como profissão, incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), com o reconhecimento do

Ministério do Trabalho em 2002, envolvendo também setores atuantes da sociedade na defesa dos profissionais do sexo que são denominados como garotas de programa, garotos de programa, michês, prostitutas, trabalhadores do sexo, meretrizes, messalinas, mulheres da vida. Também são descritos os locais de realização do trabalho, as condições de exercício e são incorporadas atividades que não estão diretamente relacionadas à prestação de serviços sexuais, como a função de “acompanhante” a clientes homens ou mulheres de orientação sexual diversa. Esse reconhecimento poderia representar um avanço no combate à exclusão, à discriminação, às manifestações de preconceito e garantir efetivamente os direitos sociais e trabalhistas desse grupo social. Entretanto, ao descrever o profissional do sexo, são mantidos termos pejorativos, em especial atribuídos ao gênero feminino, como meretriz, messalina e mulher da vida. É notório, pois, que a descrição adotada pela CBO apesar de abarcar o segmento masculino, está voltada essencialmente ao gênero feminino e permeada de termos preconceituosos que estigmatizam o segmento profissional.

Além disso, no reconhecimento da prostituição como profissão é possível notar apenas seu caráter inclusivo e não de igualdade profissional em relação às demais profissões, o que provoca indagações sobre o quanto esta regulamentação de fato é efetiva na conquista e garantia dos direitos sociais e humanos e na viabilização de políticas públicas ou se apenas reforça a visão preconceituosa, estigmatizada e depreciativa da prostituição. Paradoxalmente, tais normativas, regulamentos e ações têm contribuído para fortalecer sujeitos coletivos e organizados na luta por uma sociedade democrática, igualitária e livre, mas concomitantemente, tais mecanismos, propostas e discursos corroboram para agudizar as manifestações da questão social e sustentar formas de exclusão, discriminação, preconceito, exploração e opressão.

A garantia de pagamento na prestação de serviço sexual consta no Projeto de Lei 98/2003, de autoria de Fernando Gabeira que dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os artigos 228, 229 e 231 do Código Penal. A legalização da prostituição e seu reconhecimento como uma profissão regulamentada poderia significar proteção, garantias sociais e direitos de cidadania aos indivíduos que exercem essa atividade.

Contudo, mesmo com avanços no campo da ciência, da política e da cultura, a prostituição ainda não é reconhecida profissionalmente, visto que não foi modificado o estatuto legal da atividade, o que reflete inclusive na ausência de direitos trabalhistas e previdenciários, na não efetivação e garantia de políticas públicas, além da manutenção depreciativa do significado social desta atividade na sociedade.

## **6. REFLEXÕES PARA FINALIZAR**

Em alguns cenários heterogêneos de Belo Horizonte foram realizadas entrevistas que trouxeram informações, percepções, relatos de experiências e o conhecimento de fragmentos da história de vida de profissionais do sexo masculino que se afastaram do convívio familiar e do círculo de amigos para exercerem a prostituição. Nesse universo, esses indivíduos sociais lidam com as particularidades da profissão, com os riscos (doenças sexualmente transmissíveis, violência, drogas), preconceitos e com um dos poucos benefícios da profissão, o retorno financeiro, em troca de horas de sono perdidas, do desgaste físico e de tudo o que interfere na esfera objetiva e subjetiva da vida privada (solidão, estigma em função da prostituição ou orientação sexual, de atender clientes indesejados como, por exemplo, alcoolizados, usuários de drogas, violentos, dentre outros).

Para permanecerem na prostituição, esses homens trabalhadores criam e (re)criam diferentes identidades a cada programa realizado, a cada nome inventado, a cada história de vida narrada, a cada personagem interpretado, sendo muitas vezes necessário, “reduzir-se diante do outro”, rever algumas escolhas e, inclusive, decidir se vale a pena persistir na profissão, suportando as consequências ou simplesmente tentar viver uma nova vida, longe da prostituição, com todas as suas implicações.

A precarização do trabalho, a desigualdade social e o desemprego na contemporaneidade podem representar motivos condicionantes à prática da prostituição como forma de trabalho, para a satisfação das necessidades sociais e pessoais, manutenção da vida e da própria sobrevivência. Essas necessidades, de acordo com Heller (2008, p.35) se tornam conscientes no indivíduo como necessidades humanas do “Eu”, pois o “Eu” precisa comer, beber, morar, vestir, etc. Tais necessidades

(individuais e coletivas) precisam ser satisfeitas, defendidas e garantidas. Porém, na maioria das vezes tal concepção reforça o *ethos* da sociabilidade burguesa pautado no individualismo e desconsidera uma análise conjuntural e estrutural das classes sociais e das forças em presença que refletem direta e indiretamente na sustentação das desigualdades sociais, acirrando as múltiplas expressões da questão social.

Num cenário de prevalência das necessidades do capital em detrimento das necessidades humanas e que provoca em números crescentes um exército de sobrantes e descartáveis no mundo do trabalho, reflexo do agravamento da questão social, a prostituição pode ser compreendida em função da inserção dos garotos de programa na atividade por motivo de desemprego ou pela busca de um maior retorno financeiro em relação às demais profissões. Ao adentrar para o universo da prostituição, os indivíduos se defrontam com a necessidade de assumir identidades e forjar estratégias para lidar com a vida privada, familiar e social.

Mas é válido destacar que para além da discussão sobre sexualidade e orientação sexual, é imprescindível e desafiante assegurar reconhecimento, respeito e consolidar os direitos de cidadania desses indivíduos na sociedade, tendo em vista o agravamento da questão social na contemporaneidade que se revela em suas múltiplas expressões, como é o caso da prostituição.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luciana Texeira de; TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. *Cadernos Metrópole*. n.11. São Paulo: PUC, 2004, p. 137-157.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 98 de 2003* (do Sr. Fernando Gabeira). Brasília: Câmara Federal, 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/114091.pdf>> Acesso em: 14 de junho de 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*. Princípios e Diretrizes. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde do Homem*. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id\\_area=1623](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=1623)> Acesso em: 22 de junho de 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Profissionais do Sexo*: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações*: CBO. 3ªed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2008.

LEGARDINIER, Claudine. Prostituição I. In: HIRATA, Helena *et al.* *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

MACHADO, Joani de Nazaré Campos; SILVA, Silvia Cristina de Souza. Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém. 2002. 82f. Relatório de Pesquisa (Bacharelado em Psicologia) Universidade da Amazônia, UNAMA, Belém, 2002.

MELLO, Luiz. Outras Famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu* n.24. Campinas: Unicamp, 2005, p.197-225.

PEREIRA, Henrique. *Homens que vendem sexo em Portugal*. In: ANAIS DO VI CONGRESSO PORTUGUES DE SOCIOLOGIA: Mundos sociais: saberes e práticas. Lisboa, 2008.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PHETERSON, Gail. Prostituição II. In: HIRATA, Helena *et al.* *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

PRADO, Marco Aurélio M.; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades*: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os prazeres da Noite*: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. O sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão. *Sociedade e Estado*, vol.19, n.1, Brasília, 2004, p.151-172.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes 2000.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, vol.7, n.1. Fortaleza, 2007, p.71-88.